

nada enfurece mais  
uma mulher  
e outros contos de mulheres perigosas  
george r. r. martin e gardner dozois

Tradução de Rui Azeredo



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

## ÍNDICE

A Canção de Nora • 9  
*Cecelia Holland*

Bombas • 39  
*Jim Butcher*

Luta Livre com Jesus • 93  
*Joe R. Lansdale*

Vizinhos • 129  
*Megan Lindholm*

Segundo Arabesco, Muito Devagar • 171  
*Nancy Kress*

Cidade Lázaro • 205  
*Diana Rowland*

Virgens • 235  
*Diana Gabaldon (noveleta)*

Nada Enfurece Mais uma Mulher • 311  
*Sherrilyn Kenyon*

O Pronunciar da Desgraça • 331  
*S. M. Stirling*

Cuidadoras • 369  
*Pat Cadigan*



A CANÇÃO DE NORA

CECELIA HOLLAND

Cecelia Holland é uma das mais aclamadas e respeitadas escritoras de romances históricos, ao lado de outros gigantes do género como Mary Renault e Larry McMurtry. Ao longo de trinta anos de carreira, escreveu mais de trinta romances históricos, como *The Firedrake*, *Rakessy*, *Two Ravens*, *Ghost on the Steppe*, *Death of Attila*, *Hammer For Princes*, *The King's Road*, *Pillar of the Sky*, *The Lords of Vaumartin*, *Pacific Street*, *Sea Beggars*, *The Earl*, *The King in Winter*, *The Belt of Gold*, *The Serpent Dreamer* e mais de uma dúzia de outras obras. Também escreveu um conhecido romance de ficção científica, *Floating Worlds*, nomeado para um Locus Award em 1975, e ultimamente tem trabalhado numa série de fantasia, que inclui *The Soul Thief*, *The Witches Kitchen*, *The Serpent Dreamer*, *Varanger* e *The King's Witch*. As suas mais recentes obras são os romances *The High City*, *Kings of the North* e *The Secret Eleanor*.

No drama que se segue, a autora apresenta-nos a uma família altamente disfuncional cujas ambições impiedosas e chocantes lançaram Inglaterra em consecutivas guerras civis sangrentas ao longo dos anos: o rei Henry II, a sua rainha Eleanor da Aquitânia e os seus oito filhos brigões. Todos mortíferos como cobras. Até a mais pequena.

## A CANÇÃO DE NORA

*MONTMIRAIL, Janeiro, 1169*

**N**ora olhou rapidamente em volta, viu que ninguém reparava e escapou-se por entre as árvores pela margem abaixo até ao pequeno ribeiro. Sabia que não haveria rãs para caçar: o irmão dissera-lhe que, quando as árvores não têm folhas, os ribeiros não têm rãs. Mas a água cintilou sobre pedras brilhantes e ela viu rastos gravados na areia húmida. Agachou-se para recolher algo reluzente do regato. Não ia ser bonito quando secasse. Atrás dela, a sua irmãzinha Johanna deslizou apressadamente pela margem.

— Nora! O que é que tens?

Ela mostrou o seixo à irmã e avançou um pouco mais ao longo do fio de água. Aqueles rastos pertenciam a patas de pássaros, parecendo cruces na areia húmida. Voltou a agachar-se, para remexer as pedras, e depois viu, na margem amarela e arenosa do ribeiro, como uma entrada arredondada, um buraco.

Afastou para o lado um manto de raízes peludas, tentando ver lá para dentro; viveria ali algo? Poderia enfiar lá a mão, para descobrir, e num turbilhão rápido de pensamentos imaginou algo peludo, algo peludo com dentes, os dentes a cravarem-se na sua mão, e enfiou o punho no meio da saia.

Do alto das árvores, uma voz chamou:

— Nora?

Era a nova aia delas. Não lhe prestou atenção, procurando antes um pau para enfiar no buraco; Johanna, ao lado dela, disse baixinho, «Ooooh», e, de gatas, debruçou-se sobre a cova. Tinha a saia ensopada pelo regato.

— Nora! — Outra voz.

Levantou-se de um pulo.

— Richard — disse ela, subindo precipitadamente a margem, quase perdendo um sapato. Na beira relvada, voltou a calçar o sapato, virou-se e ajudou Johanna a subir atrás de si, e correu pelo meio das árvores despidas, até ao amplo terreno aberto.

O irmão dela caminhava em passos largos na sua direção, sorrindo e de braços abertos, e ela correu para ele. Já não o via desde o Natal, que fora a última vez em que todos eles haviam estado juntos. Ele tinha doze anos, bem mais velho do que ela, era quase um adulto. Prendeu-a nos seus braços e abraçou-a. Cheirava a cavalo. Johanna apareceu aos gritos e ele também a abraçou. As duas aias, coradas, arquejavam atrás deles, com as suas saias presas nas mãos. Richard endireitou-se, com os seus olhos azuis brilhantes, e apontou para o outro lado do campo.

— Veem? Onde vem a mãe.

Nora protegeu os olhos, olhando para o outro lado do amplo campo. De início, viu apenas as pessoas amontoadas, em movimento e agitadas nos limites do campo, mas depois um murmúrio passou por elas e de todos os lados elevou-se um rugido. Bem lá longe, um cavalo saltou para o campo e parou, e o cavaleiro ergueu uma mão em saudação.

— Mamã! — gritou Johanna, e bateu palmas.

Agora, toda a multidão gritava e aplaudia e, no seu cavalo cinzento-escuro, a mãe de Nora galopava suavemente pelas laterais, na direção da bancada de madeira sob os plátanos, onde todos se sentariam. Nora sentiu-se inchada, a pontos de rebentar; gritou:

— Hurra! Hurra, mamã!

Lá em cima, junto à tribuna, uma dúzia de homens a pé avançaram ao encontro da mulher a cavalo. Ela circulou entre eles, baixou as rédeas e desmontou. Rapidamente, trepou para a plataforma, onde esperavam duas cadeiras, parou e levantou o braço, rodando lentamente de um lado para o outro para saudar a multidão que a aplaudia. Permaneceu direita como uma árvore, com a saia a enrolar-se à sua volta.

Sobre a tribuna, de repente, a flâmula dela esvoaçou e abriu-se como uma grande asa, a Águia da Aquitânia, e os gritos ribombantes intensificaram-se.

— Eleanor! Eleanor!

Ela acenou uma última vez à multidão, mas vira as suas crianças, a correr para si, e toda a sua atenção incidiu nelas. Curvou-se para a frente, estendendo os braços na direção dos filhos, e Richard pegou em Johanna e correu para a plataforma. Nora subiu os degraus laterais. Chegando-se à frente, Richard depositou Johanna aos pés da mãe.

A mãe pousou as mãos sobre as crianças. Nora enterrou o rosto nas saias da rainha.

— Mamã.

— Ah. — A mãe sentou-se, mantendo Johanna ligeiramente afastada dela; deslizou o seu braço livre em volta da cintura de Nora. — Ah. Meus queridos. Que saudades que tive de vocês. — Beijou-os a ambos, rapidamente, diversas vezes. — Johanna, estás ensopada. Isso não pode ser. — Chamou e a aia de Johanna abeirou-se, a correr. Johanna soltou um gritinho, mas foi levada.

Ainda a agarrar Nora, Eleanor dobrou-se para a frente e fitou Richard, inclinado com os braços dobrados na beira da plataforma diante dela.

— E então, meu filho, estás entusiasmado?

Ele afastou-se da plataforma, ficando mais alto, com o rosto ruborizado, o seu cabelo louro despenteado pelo vento.

— Mãe, mal posso esperar. Quando é que o papá cá chega?

Nora apoiou-se na mãe. Ela também adorava Richard, mas gostaria que a sua mãe lhe prestasse mais atenção. A mãe dela era linda, apesar de ser já bastante velha. Não usava coifa, apenas uma pesada argola de ouro no seu cabelo liso castanho-arruivado. O cabelo de Nora parecia erva velha e morta. Nunca seria bela. O braço da rainha apertou-a com mais força, mas permanecia inclinada para a frente para Richard, completamente fixa nele.

— Ele vem aí. Vocês deviam preparar-se para a cerimónia. — Tocou na parte da frente do casaco dele e ergueu a mão até à face. — Pelo menos, vê se penteias esse cabelo.

Ele agitou-se um pouco, animado.

— Mal posso esperar. Mal posso esperar. Vou ser Duque da Aquitânia!

A rainha riu-se. Ouviu-se uma trombeta, vinda de lá de baixo do campo de jogos.

— Vês, está a começar. Vais buscar o teu casaco. — Virou-se e chamou um pajem. — Trata do Lorde Richard. Nora, ora bem... — Fez Nora recuar um passo, para poder olhá-la de alto a baixo. Os seus lábios curvaram para

cima e o seu olhar brilhou. — O que é que estiveste a fazer, a rebolar na relva? Já és uma rapariga crescida, tens de andar apresentável.

— Mamã. — Nora não queria ser uma rapariga crescida. Tal pensamento fez-lhe recordar que Mattie partira, a verdadeira rapariga crescida. Mas adorava ter a atenção da mãe e tentou arduamente encontrar algo para dizer que mantivesse a sua atenção. — Isso quer dizer que já não posso brincar?

Eleanor riu-se e voltou a abraçá-la.

— Vais poder sempre brincar, minha querida. Só que vão ser brincadeiras diferentes. — Os seus lábios roçaram na testa de Nora. Nora percebeu que ela dissera o que estava certo. Depois, Eleanor estava a virar-se.

— Vê, ali vem o teu pai.

Uma onda de excitação percorreu a multidão, como o vento num campo seco, transformou-se num ribombar e irrompeu num aplauso estrondoso. Lá ao fundo no campo, surgiu uma coluna de cavaleiros. Nora endireitou-se, unindo as mãos, inspirou fundo e reteve o ar. Ao centro dos cavaleiros, cavalgava o seu pai, sem usar coroa ou vestes reais, e ainda assim parecia que tudo se curvava e dobrava em redor dele, como se nada mais interessasse.

— Papá.

— Sim — disse Eleanor, num suspiro. — O papá majestoso. — Retirou o braço de cima de Nora e endireitou-se na sua cadeira.

Nora recuou; se ficasse atrás deles, fora da vista, poderiam esquecê-la, e ela poderia ficar. Richard não se afastara, também, reparou, deixando-se antes ficar diante da tribuna real. O pai dela cavalgou até lá acima e saltou diretamente da sela para o estrado. Ele sorria, com os olhos semicerrados, as roupas amarrotadas e a barba e o cabelo desgrenhados. Pareceu-lhe o rei da floresta verdejante, selvagem e feroz, engrinaldado em folhas e casca de árvore. Do lado dele do campo, de ambos os lados da tenda, os seus cavaleiros cavalgavam em formação, estribo com estribo, virados para os franceses do lado oposto do campo. O rei parou, espreitando rapidamente naquela direção, e depois baixou o olhar para Richard, que se mantinha rígido e ereto diante dele.

— Bem, meu senhor — disse o pai deles —, estás pronto para atirar uma lança?

— Oh, papá! — Richard começou aos saltos. — Posso?

O pai deles soltou uma gargalhada, olhando para baixo para ele desde o alto do estrado.

— Só quando puderes pagar os teus próprios resgates quando perderes.

Richard corou em cor-de-rosa, como uma rapariga.

— Não vou perder!

— Não, é claro que não. — O rei dispensou-o com um aceno. — Ninguém acha que vai perder, meu senhor. — Voltou a rir-se, desdenhoso, e virou costas. — Quando fores mais velho.

Nora mordeu o lábio. Era uma maldade falar naqueles modos a Richard, e o irmão dela baixou a cabeça, deu um pontapé no chão e depois seguiu o pajem pelo campo. De repente, voltara a ser um simples rapaz. Nora agachou-se atrás da saia da mãe, na esperança de que o pai não reparasse nela. Este instalou-se na cadeira ao lado da rainha, esticou as pernas e, pela primeira vez, virou-se para Eleanor.

— Estás com um ar fantástico, tendo em conta as circunstâncias. Estou espantado que os teus velhos ossos tenham aguentado a viagem desde Poitiers.

— Nem por nada eu perderia isto — disse ela. — E é uma cavalgada agradável. — Não se tocaram, não se beijaram, e Nora sentiu-se levemente preocupada. A aia dela abeirara-se da ponta da plataforma e Nora encolheu-se ainda mais na sombra de Eleanor. Eleanor fitou demoradamente o rei. A atenção dela desviou-se para diante dele.

— Ovos ao pequeno-almoço? Ou foi a ceia de ontem à noite?

Espantada, Nora esticou-se um pouco mais, para espreitar para o pai: as roupas dele estavam desarranjadas, mas não viu ovo amarelo. O pai lançava um olhar fulminante à mãe dela, com uma expressão de fúria. Ele não olhou para baixo para o casaco.

— Que velha afetada me saíste.

Nora passou a língua pelo lábio inferior. Nas suas entranhas, sentiu uma impressão e picadas. A mão da sua mãe permanecia na sua coxa e Nora viu como a mãe amaciava a saia, repetidamente, com os dedos retesados com força, em garra.

A aia dela disse:

— Senhorita Nora, acompanhe-me, agora.

— Não trouxeste a tua amada — comentou a rainha.

O rei inclinou-se ao de leve na direção dela, como se lhe fosse saltar para cima, talvez esmurrá-la.

— Ela tem medo de ti. Não há de aproximar-se de ti.

Eleanor riu-se. Não tinha medo dele. Nora pensou no que significaria aquilo; a sua mãe não era a verdadeira amada do rei? Fingiu que não se apercebeu da sua aia a chamá-la.

— Nora, vamos! — insistiu a aia, bem alto.

Aquilo chamou a atenção da sua mãe, que rodopiou e viu ali Nora, dizendo:

— Vai lá, minha menina. Vai arranjar-te. — Baixou levemente a mão até ao ombro de Nora. — Faz o que te mandam, por favor. — Nora deslizou pela beira do estrado e foi vestir-se e arranjar-se.

A sua velha aia acompanhara Mattie, quando a irmã mais velha de Nora partiu para desposar o Duque da Alemanha. Agora, ela tinha esta nova aia, que não sabia escovar o cabelo sem magoar. Já tinham colocado um novo vestido a Johanna, assim como entrançado o cabelo, e os outros aguardavam à entrada da pequena tenda. Nora não parava de pensar em Mattie, que lhe contara histórias e cantara para ela quando tinha pesadelos. Agora, todos se dirigiam para o campo para assistir à cerimónia, os irmãos à frente e depois ela e Johanna.

Johanna deu a mão a Nora e esta apertou-lhe os dedos com força. Toda aquela gente fazia com que se sentisse pequena. Lá no meio do campo, todos se mantinham em filas, como se estivessem na igreja, e a gente comum encontrava-se reunida em volta, bem perto, para ouvir o que se passava. De ambos os lados, havia estandartes pendurados e via-se um arauto diante de todos eles, observando a aproximação das crianças, com a sua comprida trombeta reluzente a apontar para o chão.

Em grandes cadeirões bem ao centro, encontravam-se sentados o seu pai e a sua mãe e, ao lado deles, um homem pálido de ar desgastado com uma túnica azul de veludo. Tinha um banquinho para pousar os pés. Ela sabia que era o Rei de França. Ela e a irmã e os irmãos posicionaram-se diante deles, lado a lado, e o arauto anunciou os seus nomes, e, em harmonia, fizeram uma vénia, primeiro aos pais e depois ao rei francês.

Agora, com a partida de Mattie e o irmão bebé ainda no mosteiro, eram apenas cinco. Henry era o mais velho. Chamavam-lhe Jovem Henry, porque o nome do papá era também Henry. Depois, havia Richard e seguia-se Geoffrey. Mattie encaixava entre o Jovem Henry e Richard. Depois de Geoffrey, vinha Nora e Johanna, e com os monges estaria o bebé John. A multidão soltou gritos e berros e Richard de repente ergueu o braço sobre a cabeça, como resposta.

Depois, foram todos empurrados para a multidão atrás dos pais, onde se puseram de novo em fila. Os arautos gritavam em latim. Johanna inclinou-se para o lado para Nora.

— Tenho fome.

Dois passos diante delas, na sua cadeira, Eleanor espreitou por cima do ombro e Nora sussurrou:

— Chiu.

Todas as pessoas em volta deles eram homens, mas, atrás do Rei de França, via-se uma rapariga, que parecia um pouco mais velha do que Nora, e esta deu por ela a olhar para trás. Nora, insegura, sorriu, mas a outra rapariga limitou-se a baixar o olhar.

Um sopro da trombeta quase a fez saltar. Johanna agarrou-lhe a mão. Um dos homens do papá aproximou-se e começou a ler um rolo de pergaminho, de novo em latim, um latim mais simples do que aquele que os monges lhe tinham ensinado. O que ele leu era tudo sobre o Jovem Henry, como era nobre e bom, e, a um sinal, o irmão mais velho dela posicionou-se diante dos dois reis e da rainha. Era alto e magro, com muitas sardas, o rosto tisonado pelo sol. Nora apreciava o verde do casaco que ele envergava. Ajoelhou-se diante do pai e do rei francês e os arautos falaram e os reis falaram.

Também estavam a fazer do Jovem Henry um rei. Agora, ele podia ser Rei de Inglaterra, tal como o papá. Mentalmente, viu ambos os Henry a tentarem sentar-se ao mesmo tempo numa única cadeira, com uma coroa a envolver as duas cabeças, e riu-se. A mãe voltou a olhar por cima do ombro, com um olhar penetrante e as sobrancelhas franzidas.

Johanna apoiava-se num pé e no outro. Mais alto do que antes, insistiu:

— Tenho fome.

— Chiu!

O Jovem Henry, até aí ajoelhado, levantou-se, fez uma vénia e voltou para trás para junto das crianças. O arauto proferiu o nome de Richard e este saltou para a frente. Estavam a proclamá-lo Duque da Aquitânia. Iria casar com a filha do rei francês, Alais. Os olhos de Nora incidiram na estranha rapariga entre os franceses. Tratava-se de Alais. Tinha cabelo castanho comprido e um narizinho afiado; olhava atentamente para Richard. Nora pensou como seria olhar pela primeira vez para o homem com quem se sabia que se iria casar. Imaginou Alais a beijar Richard e fez uma careta.

Diante dela, sentada muito rígida na sua cadeira, a rainha deixou descair a boca nos cantos. A sua mãe também não apreciava isto.

Até ter idade suficiente para casar com Richard, Alais viveria com eles, a família dele. Nora sentiu-se ligeiramente desconfortável: ali estava Alais a dirigir-se para um lugar desconhecido, enquanto Mattie partia para um lugar desconhecido, e eles nunca mais a veriam. Lembrou-se de como Mattie

chorara quando lhe disseram. «Mas, mamã, ele é tão *velho*.» Nora cingiu os lábios, com os olhos a picar.

A ela, não. Isto não lhe aconteceria. Não seria enviada para longe. Entregue. Queria outra coisa, embora não soubesse o quê. Pensara em ser freira, mas havia tão pouca coisa para fazer.

Richard ajoelhou-se e pôs as suas mãos entre as mãos ossudas do Rei de França, e ergueu-se, com a cabeça inclinada para a frente, como se já usasse uma coroa das pequenas. Mostrava um sorriso radioso. Recuou para junto da família e o arauto proferiu o nome de Geoffrey, que era agora o Duque da Bretanha e casaria com outra desconhecida.

Nora curvou os ombros. Esta glória nunca lhe estaria reservada, ela nada obteria, ficaria parada a olhar. Espreitou de novo para a Princesa Alais e deu com ela a olhar para baixo para as mãos, triste.

Johanna de repente bocejou, puxou a sua mão da de Nora e sentou-se.

Então, diante deles surgiu outra pessoa, com mãos largas e uma voz forte e sonora, dizendo:

— Meu Senhor de Inglaterra, tal como concordámos, peço-lhe agora que receba o Arcebispo da Cantuária, e que seja restaurada a vossa amizade, ponham fim à querela entre vós, para o bem dos nossos reinos, e da Igreja da Santa Mãe de Deus.

A multidão em redor deles desatou subitamente a gritar e um homem atravessou o campo na direção dos reis. Envergava uma capa preta comprida por cima de um hábito branco, com uma cruz pendurada ao peito. O bastão na sua mão tinha o topo espiralado. Um grande grito ascendeu por entre as pessoas em volta deles, excitado. Atrás dela, alguém murmurou:

— Outra vez o Becket. O homem não vai embora.

Ela conhecia aquele nome, mas não recordava quem seria Becket. Ele marchou na direção deles, um homem alto e magro, com roupas coçadas. Parecia um homem vulgar, mas caminhava como um senhor. Toda a gente o observava. Quando se colocou diante do pai dela, os murmúrios e a agitação na multidão esmoreceram até um sussurro discreto. Diante do rei, o homem magro ajoelhou-se, pousou o bastão e depois estendeu-se no chão, parecendo um tapete. Nora remexeu-se ligeiramente, para conseguir vê-lo através da abertura entre os seus pais. A multidão aproximou-se, inclinándose para ver.

— Meu gracioso senhor — disse ele com uma voz eclesiástica —, imploro por perdão por todos os meus erros. Nunca houve príncipe mais fiel do que vós e nunca um súbdito menos fiel do que eu e venho aqui

pedir perdão, não pelas minhas esperanças ou pela minha virtude, mas pelas vossas.

O pai dela levantou-se. De repente, parecia muito feliz, ruborizado, com os olhos a brilhar. De rosto virado para o chão, o homem magro continuou a falar, humilde, suplicante, e o rei abeirou-se dele, estendendo as mãos para o erguer.

Então, Becket disse:

— Submeto-me a vós, meu senhor, daqui para diante e eternamente, em todas as coisas, à exceção da honra de Deus.

A rainha levantou repentinamente a cabeça. Atrás de Nora alguém arquejou e outra pessoa murmurou:

— Louco maldito.

Diante deles, a meio caminho na direção de Becket, com as suas mãos estendidas, o papá deteve-se. A multidão foi percorrida por uma espécie de pulsação.

O rei perguntou num tom rude:

— O que é isto?

Becket estava a levantar-se. A sua túnica revelava-se suja com terra nos pontos onde os seus joelhos tinham pressionado o chão. Endireitou-se, com a cabeça para trás.

— Não posso abdicar dos direitos de Deus, meu senhor, mas em tudo o mais...

O pai dela lançou-se a ele.

— Não foi com isto que concordei.

Becket manteve-se firme, alto como uma torre de campanário, como se tivesse Deus ao seu ombro, e declarou de novo:

— Devo defender a honra do Senhor do Céu e da Terra.

— *Eu sou o vosso senhor!* — O rei já não estava contente. A sua voz ribombou por todo o campo. Ninguém se mexeu ou falou. Deu um passo em frente para Becket, de punho cerrado. — O reino é *meu*. Nenhuma outra autoridade deverá nele governar! Deus ou não, ajoelhe-se, Thomas, entregue-se totalmente a mim, ou parta como um degradado!

Louis descia a toda a pressa do dossel na direção deles, passando despercebido o seu murmurar frenético. Becket permaneceu imóvel.

— Sou consagrado a Deus. Não posso furtrar-me a esse dever.

O pai de Nora rugiu:

— Sou rei, e mais ninguém, seu sapo, seu jumento, e mais ninguém além de mim! Deve-me tudo. *A mim!*

— Papá! Meu senhor... — O Jovem Henry correu para a frente e a mãe deles estendeu a mão, agarrou-lhe o braço e manteve-o quieto. Da multidão, outras vozes se ergueram. Nora esticou-se e tentou que Johanna se levantasse.

— Não serei rebaixado! Honre-me, e só a mim! — A voz do pai dela parecia uma trombeta a berrar e a multidão voltou a aquietar-se. O Rei de França assentou uma mão no braço do papá e disse algo, e o papá voltou-se e libertou-se do seu toque.

— Doravante, sempre que optar por não se submeter a algo, há de argumentar que é em Honra de Deus. Só visto! Não abdicou de nada... não me respeitará... Nem sequer o respeito de um suíno pelo guardador de porcos!

A multidão soltou um grito. Ouviu-se uma voz:

— Deus abençoe o rei!

Nora olhou em redor, sentindo-se desconfortável. As pessoas atrás dela iam-se remexendo, recuando, como se fugissem vagarosamente. Eleanor ainda agarrava o Jovem Henry com força, mas agora ele choramingava entre dentes. Richard mantinha-se rígido, todo o seu corpo inclinado para a frente, o maxilar saliente como um peixe. O rei francês segurava Becket pela manga, tentava puxá-la, falando-lhe ansiosamente ao ouvido. O olhar de Becket nunca se desviou do pai de Nora. A voz dele ribombou como as cornetas dos arcanjos.

— Sou obrigado a defender a Honra de Deus!

No meio de todos eles, o pai de Nora levantou os braços, como se fosse voar; bateu o pé com força como se fosse apartar a terra, e gritou:

— Levem-no daqui antes que o mate! Honra de Deus! Só se for o tra-seiro gordo e branco de Deus! Levem-no, levem-no daqui!

A sua fúria levou a multidão a recuar. Numa súbita agitação de pés, o rei francês e os seus guardas e acompanhantes despacharam Thomas dali. O pai de Nora estava de novo a rugir, juras e ameaças, a dar com os braços, com o rosto vermelho como carne crua. O Jovem Henry libertou-se abruptamente do aperto de Eleanor e correu para ele.

— Meu senhor...

O rei girou na direção dele, de braços estendidos, e derrubou-o com as costas da mão.

— Não te metas nisto!

Nora deu um salto. Antes mesmo de Richard e Geoffrey se lançarem para a frente, Eleanor já se movia; em pouco passos chegou junto do Jovem

Henry e, enquanto ele se erguia de um pulo, ela apressou-o dali para fora. Uma multidão de criados dela apressou-se a segui-la.

Nora apareceu depressa. Percebeu que sustinha a respiração. Johanna finalmente levantara-se e envolveu a cintura de Nora com os braços, e Nora abraçou a irmã. Geoffrey corria atrás da rainha; Richard parou, de mãos nas ancas, a ver o rei a fumegar de raiva. Rodopiou e correu atrás da mãe. Nora arquejou. Ela e Johanna encontravam-se sozinhas, no meio do campo, com a multidão ao longe.

O rei viu-as. Acalmou-se. Olhou em volta, não viu ninguém e avançou em passos pesados na direção delas.

— Vá lá... fujam! Toda a gente me abandona. Fujam. São estúpidas?

Johanna encolheu-se atrás de Nora, que se manteve direita, e cruzou as mãos nas costas, como se punha quando os padres falavam com ela.

— Não, papá.

O rosto dele estava vermelho como carne. Formara-se suor na sua testa. A respiração dele quase a levou a gaguejar. Ele olhou para ela e disse:

— Estão aqui para me repreender, tal como a triste da vossa mãe?

— Não, papá — disse ela, surpreendida. — O senhor é o rei.

Ele retesou-se. O rubor sumiu-se-lhe do rosto como uma maré. A voz dele suavizou, aos poucos. Disse:

— Bem, pelo menos alguém é fiel.

Virou-se e afastou-se e, enquanto o fazia, ergueu um braço. De todos os lados, os seus homens vieram a correr. Um levou o grande cavalo negro do papá e ele montou-o. Mais alto do que todos os homens apeados em redor dele, abandonou o reino. Depois de ter partido, Richard atravessou rapidamente o relvado para se juntar a Nora e a Johanna.

— Porque é que eu não posso...

— Porque eu te conheço — disse Richard. — Se te deixo à solta, metes-te em apuros. — Ergueu-a para a charrete, onde já se havia sentado Johanna e a rapariga francesa. Nora sentou-se desajeitadamente, zangada; só iam subir a colina. Ele podia ter permitido que ela montasse o seu cavalo. Fazendo estalar o chicote, a charrete começou a rodar e ela inclinou-se para o lado e olhou para a distância.

Ao lado de Nora, Alais disse, de repente, em francês:

— Sei quem tu és.

Nora olhou para ela, espantada.

— Também sei quem tu és — disse.

— Chamas-te Eleonora e és a segunda irmã. Sei falar francês e latim e sei ler. Sabes ler?

— Sim — respondeu Nora. — Estão sempre a obrigar-me a ler.

Alais espreitou por cima do ombro; os acompanhantes dela seguiam a pé atrás da charrete, mas ninguém ia suficientemente perto para poder ouvir. Johanna ia de pé no canto de trás, atirando pedaços de palha pela lateral e debruçando-se para fora para ver onde caíam. Alais disse, baixinho:

— Devíamos ser amigas porque vamos ser irmãs e somos quase da mesma idade. — Fitou Nora de alto a baixo, o que a deixou desconfortável; Nora contorceu-se. Por momentos, pensou, zangada, nesta rapariga a ocupar o lugar de Mattie. Alais disse: — Se fores simpática comigo, também sou simpática contigo.

Nora disse:

— Está bem, eu...

— Mas eu saio primeiro, acho. Porque sou mais velha.

Nora empertigou-se e depois sobressaltou-se, no momento em que ouviram aplausos em redor dela. A charrete percorria a rua na direção do castelo na colina e, ao longo de todo o caminho, multidões de gente gritavam e chamavam. Não por ela, não por Alais; era por Richard que clamavam, repetidamente. Richard cavalgava à frente delas, de cabeça despida, sem prestar atenção aos aplausos.

Alais voltou a virar-se para ela.

— Onde é que vives?

— Bem, às vezes em Poitiers — respondeu Nora —, mas...

— O meu pai diz que o teu pai tem tudo, dinheiro e joias, e sedas e luz do Sol, mas tudo o que temos em França é piedade e bondade.

Nora espantou-se.

— Somos bondosos. — Mas sentiu-se grata por Alais ver como o seu pai era grandioso. — E também pios.

A princesa virou para o lado o seu rosto pequeno e pontiagudo, abatida, e pela primeira vez a sua voz revelou incerteza.

— Espero que sim.

Nora sentiu o coração a bater com força, instável devido à compaixão. Johanna andava às apalpadelas no chão da charrete à procura de mais coisas para lançar para o exterior, e Nora deu com um montinho de pedras no canto e entregou-lhas. Do outro lado de Nora, Alais olhava agora fixamente para as suas mãos, com os ombros curvados, e Nora pensou se ela iria chorar. Ela choraria, se lhe acontecesse o mesmo.

Aproximou-se mais, até roçar na outra rapariga. Alais ergueu de repente a cabeça, de olhos arregalados, sobressaltada. Nora sorriu-lhe e, entre elas, as suas mãos tocaram-se e entrelaçaram-se.

Não subiram todo o caminho até ao castelo. A multidão a aplaudir viu-os a seguir pela rua fora até um passeio, com uma igreja de um lado, onde a carroça virou na direção oposta do templo, desceu outra rua e transpôs um portão de madeira. Sobre eles pairava agora uma casa, com paredes de madeira, duas fileiras de janelas e um pesado telhado. A charrete deteve-se ali e todas saíram. Richard encaminhou-as pela ampla porta da frente.

— A mamã está lá em cima — anunciou ele.

Foram ter a um salão escuro, cheio de criados e bagagens. Uma criada levou Alais dali. Nora subiu as escadas íngremes e desniveladas, puxando Johanna pela mão. Johanna ainda estava com fome e frisou-o a cada degrau. No alto da escadaria, havia uma divisão de um lado e outra do outro, e Nora ouviu a voz da mãe.

— Ainda não — dizia a rainha; Nora entrou no grande salão e viu a mãe e o Jovem Henry na ponta mais distante; a rainha tinha a mão no braço dele. — Ainda não chegou a hora. Não sejas precipitado. Devemos dar a ideia de que somos leais. — Ela viu as raparigas e formou-se um sorriso crispado no seu rosto, como uma máscara. — Entrem, meninas! — Mas a mão no braço do Jovem Henry deu-lhe um empurrão. — Vai — disse-lhe. — Ele há de mandar chamar-te, é melhor que não te encontrem aqui. Leva Geoffrey contigo. — O Jovem Henry rodou sobre os calcanhares e saiu.

Nora pensou no que queria dizer precipitado; rapidamente, imaginou uma escarpa e pessoas a caírem de lá. Abeirou-se da mãe e Eleanor abraçou-a.

— Lamento — disse-lhe a mãe. — Lamento pelo teu pai.

— Mamã.

— Não tenham medo dele. — A rainha agarrou as mãos de Johanna e falou com uma e outra. — Eu protejo-vos.

— Eu não...

A mãe dela ergueu o olhar e mirou acima da cabeça de Nora.

— O que és?

— O rei quer ver-me — respondeu Richard, atrás de Nora. Ela sentiu a mão dele a pousar no seu ombro.

— Só a ti?

— Não, também ao Jovem e a Geoffrey. Onde é que estão?

A mãe de Nora encolheu os ombros, movendo todo o corpo, ombros, cabeça e mãos.

— Não faço ideia — respondeu ela. — Mas é melhor ir.

— Sim, mamã. — Richard apertou o ombro de Nora e saiu.

— Muito bem. — Eleanor recostou-se, ainda a segurar a mão de Johanna. — Muito bem, meninas.

Nora franziu o sobrolho, espantada; a mãe sabia onde se encontravam os seus irmãos, acabara de os mandar sair. A mãe voltou-se de novo para ela.

— Não tenhas medo.

— Mamã, eu não tenho medo. — Mas depois pensou, de certa forma, que a sua mãe desejava que ela tivesse.

Johanna já dormia, enroscada com força contra as costas de Nora. Nora aconchegou a cabeça no braço, sem qualquer vontade de dormir. Estava a pensar no dia, no seu pai esplêndido e na sua bela mãe, e em como a sua família governava tudo, e ela era um deles. Imaginou-se num grande cavalo, a galopar, e toda a gente a aclamá-la. Transportando uma lança com uma flâmula na ponta e lutando pela glória de algo. Ou para salvar alguém. Algo honrado, mas virtuoso. Deu por si a balançar para a frente e para trás no seu cavalo imaginário.

Uma vela na ponta mais afastada projetou uma espécie de crepúsculo ao longo do quarto estreito; conseguia ver as tábuas da parede em frente e ouvir o ressonar ruidoso da mulher que dormia junto à porta. As outras criadas tinham descido para o salão. Pensou no que se teria lá passado, para todas terem desejado ir. Depois, para sua surpresa, alguém percorreu a escuridão a correr e ajoelhou-se junto à sua cama.

— Nora?

Era Alais. Nora ergueu-se, sobressaltada, mas, enquanto ainda se movia, já Alais se enfiava dentro da sua cama.

— Deixa-me entrar. Por favor, Nora. Eles obrigaram-me a dormir sozinha.

Ela não conseguiu mexer-se para abrir espaço, por causa de Johanna, mas, ainda assim, disse:

— Está bem.

Também não gostava de dormir sozinha, às vezes ficava frio e era solitário. Puxou a roupa da cama para trás e Alais trepou para o espaço ao lado dela.

— Este lugar é feio. Pensei que vocês viviam todos em lugares belos.

— Nós não vivemos aqui — explicou Nora. Aconchegou-se contra Johanna e, sem despertar, a sua irmãzinha murmurou e remexeu-se para o lado, dando-lhe mais espaço, mas Alais ainda se encontrava colada a ela. Sentiu o bafo da rapariga francesa, com cheiro a carne e amargo. Rígida, ficou ali deitada, completamente desperta; agora, nunca mais iria adormecer.

Alais aconchegou-se no colchão; as cordas por baixo rangeram. Num sussurro, perguntou:

— Já tens mamas?

Nora crispou-se.

— O quê? — Não fazia ideia do que queria dizer Alais.

— Bossas, pateta. — Alais remexeu-se, puxando a roupa da cama, dando-lhe um encontrão. — Peitos. Assim. — A mão dela fechou-se sobre o pulso de Nora, roçando a mão de Nora no peito de Alais. Por um instante, Nora sentiu algo arredondado sob os seus dedos.

— Não. — Tentou arrancar a sua mão do aperto de Alais, mas esta segurou-a bem.

— Não passas de uma bebé.

Nora libertou a mão e apertou-se com força contra Johanna, tentando arranjar mais espaço.

— Sou uma rapariga crescida! — *Johanna* é que era bebé. Esforçou-se por recuperar a sensação de ir a galopar no grande cavalo, de glória, orgulho e grandeza. De repente, despejou: — Um dia hei de ser rei.

Alais sussurrou:

— As raparigas não são reis, pateta! As raparigas são mulheres.

— Eu queria dizer como a minha mãe. A minha mãe é tão importante como um rei.

— A tua mãe é malvada.

Nora empurrou-a, zangada.

— A minha mãe *não* é...

— Chiu. Vais acordar toda a gente. Desculpa. Desculpa. É só o que toda a gente diz. Não foi por mal. Não és bebé. — Alais tocou-lhe, implorante. — Ainda és minha amiga?

Nora achou que serem amigas era mais complicado do que contara. Sub-repticiamente, pressionou a palma da mão no seu próprio peito ossudo.

Alais aninhou-se ao lado dela.

— Se é para sermos amigas, temos de nos manter juntas. Onde é que vamos a seguir?

Nora puxou a coberta para cima de si, com a espessura do tecido a separá-la de Alais.

— Espero que para Poitiers, com a mamã. Espero que vamos para lá, a corte mais feliz de todo o mundo. — Num acesso de mau gênio, despejou: — Qualquer lugar será melhor do que Fontrevault. Doem-me tanto os joelhos.

Alais riu-se.

— Um convento? Puseram-me em conventos. Até me obrigaram a usar vestes de freira.

— Oh, odeio isso! — disse Nora. — Fazem tanta comichão.

— E cheiram mal.

— As *freiras* cheiram mal — frisou Nora. Recordou algo que lhe dissera a mãe. — A ovos podres.

Alais soltou uma risadinha.

— És engraçada. Gosto muito de ti.

— Bem, também vais ter de gostar da minha mãe, se queres ir para Poitiers.

Uma vez mais, Alais estendeu a mão e tocou em Nora, afagando-a.

— Vou gostar. Prometo.

Nora aconchegou a cabeça no braço, agradada, e sonolenta. Afinal, talvez Alais não fosse assim tão má. Era uma donzela indefesa e Nora poderia protegê-la, como um verdadeiro cavaleiro. As suas pálpebras tombaram; por instantes, antes de adormecer, sentiu de novo o cavalo por baixo de si, a galopar.

**N**ora guardara migalhas de pão do pequeno-almoço; espalhava-as no peitoral quando a aia a chamou. Continuou a espalhá-las. Os passarinhos no inverno tinham fome. A aia agarrou-a pelo braço e rebocou-a dali.

— Venha cá quando a chamo! — A aia enfiou-lhe um vestido pela cabeça. Nora debateu-se no meio da confusão de roupa até conseguir puxar a cabeça para fora. — Agora, sente-se para lhe poder escovar o cabelo.

Nora sentou-se; olhou de novo para a janela e a aia beliscou-lhe o braço.

— Sente-se quieta.

Cingiu os lábios com força, zangada e triste. Desejou que a aia fosse enviada para a Alemanha. Encolhida no banco, tentou ver a janela pelo canto do olho.

A escova arrastou-se pelo cabelo.

— Como é que põe o cabelo tão emaranhado?

— Auuu! — Nora contorceu-se para escapar ao puxão da escova e a aia forçou-a a endireitar-se no banco.

— Sente-se! Esta criança é o diabo! — A escova embateu-lhe com força no ombro. — Espere até a reenviarmos para o convento, seu diabinho.

Nora retesou-se. No banco ao lado, Alais virou-se de repente para ela, de olhos arregalados. Nora deslizou para fora do banco.

— Vou procurar a minha mamã! — Avançou para a porta. A aia tentou agarrá-la e ela desviou-se para o lado, para se esquivar, avançando mais depressa.

— Volte já aqui!

— Vou procurar a minha mamã! — frisou Nora, lançando um olhar inflexível à aia e abrindo a porta para trás.

— Espera por mim — disse Alais.

As criadas seguiram atrás delas; Nora desceu as escadas, apressada, para longe do alcance delas. Esperou que a sua mamã estivesse lá em baixo no salão. Na escada, esgueirou-se a alguns criados que subiam e que acabaram por se pôr à frente das aias, atrasando-as. Alais seguia logo atrás dela, de olhos arregalados.

— Isto é correto? Nora?

— Anda lá. — Grata, constatou que o salão se encontrava repleto de gente; isso significaria que a sua mãe estaria lá e ela passou por homens com túnicas compridas pomposas, ali parados à espera, abrindo caminho por entre eles até chegar à frente.

Ali estava sentada a sua mãe, tal como Richard, de pé ao seu lado; a rainha lia uma carta. Um desconhecido mantinha-se humildemente diante dela, de mãos unidas, enquanto ela lia. Nora abeirou-se dele.

— Mamã.

Eleanor ergueu a cabeça, com as sobranceiras arqueadas.

— O que estás aqui a fazer? — Olhou para lá de Nora e Alais, para a multidão, voltou a pousar os olhos em Nora e disse: — Senta-te e espera, estou ocupada. — Retomou a leitura da carta que segurava. Richard sorriu rápida e animadamente a Nora. Ela passou por ele, por detrás da cadeira da sua mãe, e virou-se para a sala. As aias espremiavam-se para passar pela multidão de cortesãos, mas agora não podiam chegar-lhe. Alais encostou-se a ela, pálida, a pestanejar.

Diante delas, de costas para ambas, Eleanor, no seu cadeirão pesado, pousou a carta.

— Vou pensar no assunto.

— Vossa Graça. — O homem humilde fez uma vénia e recuou. Outro, de casaco vermelho, avançou com uma missiva na mão. Estendendo a mão para lhe pegar, a rainha olhou de relance para Richard, ao lado dela.

— Porque é que o teu pai te quis ver, ontem à noite?

Alais sussurrou:

— O que é que vais fazer?

Nora deu-lhe uma cotovelada; queria ouvir o irmão.

Richard dizia:

— Perguntou-me onde estava o Jovem. — Passou o peso de um pé para o outro. — Estava bêbedo.

A rainha lia a nova carta. Virou-se para a mesa ao alcance da outra mão, pegou numa pena e mergulhou-a no boião de tinta.

— Devias assinar isto, dado que agora és o duque.

Ao ouvir aquilo, Richard ficou todo inchado, fazendo-se maior, com os ombros direitos. A rainha virou-se para Nora.

— O que é isto agora?

— Mamã. — Nora abeirou-se da rainha. — Onde é que vamos? Depois daqui.

Os olhos verdes da mãe observaram-na; um leve sorriso curvou-lhe os lábios.

— Bem, para Poitiers, acho eu.

— Eu quero ir para Poitiers.

— Bem, é claro — disse a sua mamã.

— E Alais também?

O olhar da rainha incidu em Alais, mais atrás junto à parede. O sorriso esmoreceu.

— Sim, claro. Bom-dia, Princesa Alais.

— Bom-dia, vossa Graça. — Alais curvou-se numa pequena vénia. — Obrigada, vossa Graça. — Dirigiu um olhar radioso a Nora, que lhe mostrou um amplo ar de triunfo. Olhou para cima para a mãe, contente com ela, que podia fazer tudo.

— Disse-nos que nos protegeria, recorda-se?

O sorriso da rainha ampliou-se e ela inclinou ao de leve a cabeça para um lado.

— Sim, é claro. Sou tua mãe.

— E a Alais, também?

Então, a rainha praticamente gargalhou.

— Nora, quando fores mais velha, vais ser perigosa. Sim, a Alais também, naturalmente.

Do outro lado da cadeira, Richard endireitou-se depois de escrever e Eleanor retirou-lhe a carta da mão, tal como a pena. Nora deixou-se ficar onde se encontrava, no meio de tudo, desejando que a sua mãe voltasse a reparar em si. Richard disse:

— Se sou mesmo duque, dou ordens?

O sorriso da rainha regressou; olhou para ele de uma forma como não olhava para ninguém.

— É claro. Dado que agora és duque. — Ela pareceu prestes a voltar a rir; Nora tentou perceber a que acharia tanta piada a sua mãe. Eleanor pôs a carta na mesa e a pena balançou com força por cima dela.

— Quero ser ordenado cavaleiro — disse o irmão dela. — E quero uma espada nova.

— Como queira, vossa Graça — disse a mãe dela, ainda com uma voz de riso, assentindo levemente com a cabeça na direção dele, como uma vénia. Devolveu a missiva ao homem do casaco vermelho. — Pode dar já início a isto.

— Deus abençoe vossa Graça. Obrigado. — O homem subiu e desceu como um pato. Avançava já outra pessoa, com outro papel na mão. Nora balançou sobre as pontas dos pés, sem desejos de partir; as aias permaneciam à espera, sorumbaticamente de lado, os olhos fixos nas raparigas como se o olhar pudesse puxá-las para elas. Nora desejou que a sua mãe olhasse para si, que voltasse a falar com ela. Depois, ao fundo do salão, ergueu-se bem alto uma voz:

— Abram alas ao Rei de Inglaterra!

Eleanor sentou-se muito direita e Richard recuou para o seu lugar ao lado dela. Toda a sala estava de repente em movimento, a remexer-se, homens a arrastarem-se da frente, fletindo-se e curvando-se e, pelo espaço repentinamente vazio, avançou o pai de Nora. Nora recuou de imediato, para trás da cadeira da rainha, para junto de Alais, parada ao pé da parede.

Apenas a rainha permaneceu na sua cadeira, o sorriso já sumido. Toda a gente se dobrou sobre os sapatos dele. O rei caminhou em passadas largas até ficar diante de Eleanor e, atrás dele, o salão rapidamente se esvaziou. Até as aias saíram. Dois dos homens do pai dela posicionaram-se de ambos os lados da porta, como guardas.

— Meu senhor — disse a rainha —, devias ter avisado antes, estaríamos mais bem preparados para te receber.

O papá de Nora olhou para baixo para ela. Vestia as mesmas roupas da véspera. Tinha as suas mãos grandes apoiadas no cinto. A voz dele rangeu, como um caminhar sobre gravilha.

— Achei que poderia ver mais aparecendo sem anunciar. Onde estão os rapazes? — O olhar incidiu em Richard. — Os outros rapazes?

A rainha encolheu os ombros.

— Queres sentar-te, meu senhor? — Um criado apressou-se a levar-lhe uma cadeira. — Tragam um cálice de vinho ao meu senhor, o rei.

O rei deixou-se cair na cadeira.

— Não penses que não sei o que andas a fazer. — Rodou a cabeça; viu Nora, logo atrás da rainha, e penetrou-a com o olhar. Nora estremeceu, desconfortável.

— Meu senhor — disse Eleanor. — Não sei bem o que pretendes dizer.

— Mentas muito mal, Eleanor. — O rei remexeu-se na sua cadeira, agarrou a mão de Nora e arrastou-a para o meio das duas cadeiras, diante de ambos. — Esta rapariguinha aqui falou muito bem, ontem, quando os restantes de vocês fugiram. Acho que ela disse a verdade.

Parada diante deles, Nora pôs as mãos atrás das costas. Sentiu a boca seca e engoliu o ar. A mãe sorriu-lhe.

— A Nora tem cabeça. Cumprimenta o teu pai, querida.

— Que Deus esteja consigo, papá — disse Nora.

Ele olhou fixamente para ela. Em volta dos núcleos pretos, os olhos dele eram azuis como o céu. Ergueu uma mão e pegou delicadamente na parte da frente do vestido dela. Dentro do invólucro da roupa, o corpo dela encolheu ao fugir ao toque dele. Ele alisou a frente do vestido. A mãe dela contorcera-se na cadeira para observar. Atrás dela, estava Richard imóvel, com o semblante franzido.

— E então, acabaste de sair do convento, não é? Gostaste daquilo?

Ela pensou no que seria suposto responder. Em vez disso, optou pela verdade:

— Não, papá.

Ele riu-se. Os buracos negros tornaram-se maiores e depois menores.

— O quê, não queres ser freira?

— Não, papá, eu quero... — Para surpresa dela, a história mudara. Ela descobriu uma súbita e ardente coragem. — Quero ser uma heroína.

Eleanor soltou uma risadinha e o rei resfolegou.

— Bem, Deus deu-te a estatura errada. — O olhar dele incidiu atrás dela. — Onde é que tu vais?

— A lado algum, meu senhor — respondeu Richard, com uma voz serena.

O rei voltou a rir-se, de tal forma que mostrou os dentes. Cheirava a azedo, como cerveja rançosa e roupa suja. Os olhos dele observaram Nora, mas falou com a mãe dela.

— Quero ver os meus filhos.

— Estão assustados — explicou a rainha —, por causa do que se passou com Becket.

— Eu trato de Becket. Não te metas nisso. — Apareceu o criado com o cálice de vinho e ele pegou-lhe. Nora remexeu os pés, desejando fugir, face às palavras deles afiadas como facas a cortar o ar.

— Sim, pois, o modo como lidas com Becket está a levar-nos a todos a lugares estranhos — comentou a mãe dela.

— À morte de Deus! — Ele ergueu o cálice e esvaziou-o. — Nunca percebi que ele tinha tal ânsia pelo martírio. Tu viste-o. Já parece um velho. É um alerta contra a virtude, se nos transforma em tal cegonha.

A mãe dela olhou pelo salão.

— Não, tu tens razão. Não serve à tua justiça quando metade dos homens do reino pode andar à tua volta.

Ele rodou na direção dela.

— Não anda ninguém à minha volta.

— Bem — disse ela, enfrentando-o, com a boca a sorrir, mas não da melhor maneira. — Parece que o fazem.

— Mamã — disse Nora, lembrando-se de como fazer aquilo. — Com a tua permissão...

— Fica — ordenou o pai, que, estendendo a mão, lhe agarrou o braço e a puxou, para o seu colo.

— Nora — disse-lhe a mãe. Para lá dela, Richard deu um passo em frente, de olhos arregalados. Nora contorceu-se, tentando endireitar-se sobre os joelhos do pai; os braços dele cercaram-na como uma jaula. A expressão no rosto da mãe assustou-a. Tentou libertar-se e os braços dele cingiram-na.

— Mamã...

A rainha fez-se ouvir, com uma voz subitamente severa.

— Larga-a, meu senhor.

— Essa agora — disse o rei, com uma risadinha. — Não és a minha querida, Nora? — Depositou um beijo na face de Nora. Os braços dele envolveram Nora; uma mão afagou-lhe o braço. — Quero os meus filhos. Vai

buscar os meus filhos, mulher. — Abruptamente, estava a empurrar Nora para fora do seu colo, esta de novo em pé, e ele levantou-se. Toda a gente o fitava, em silêncio. Em passos pesados, saiu porta fora, com Richard nos seus calcanhares.

Nora esfregou a bochecha, ainda húmida onde o seu pai encostara a boca; o olhar dela incidiu na mãe. A rainha estendeu os braços, Nora foi ter com ela e a rainha agarrou-a com força.

— Não tenhas medo. Eu protejo-te. — A voz dela era rouca. Largou Nora e uniu as mãos com força. — Agora, vamos ouvir música.

**P**lumas de vapor ergueram-se da bandeja de bolos de amêndoa. Nora subiu sorrateiramente os degraus da cozinha, colada à parede, e agachou-se rapidamente debaixo da beira da mesa. Mais ao fundo na cozinha, alguém cantava e uma outra pessoa ria-se; ninguém reparara nela. Passou a mão pela parte de lado da mesa e puxou punhados de bolos, enfiando-os na dobra da saia e, quando a encheu, voltou-se rapidamente e subiu os degraus a correr, saindo pela porta.

Logo do outro lado da soleira, Alais deu saltinhos de prazer, com os olhos a brilhar e as mãos entrelaçadas. Nora entregou-lhe um bolinho.

— Depressa. — Correu na direção do portão do jardim.

— Ei, meninas.

Alais guinchou e correu. Nora mudou de rumo, ao reconhecer aquela voz, e olhou para cima para os olhos alegres de Richard.

— Vamos partilhar isso?

Foram para o jardim e sentaram-se num banco junto ao muro, comendo os bolinhos. Richard lambeu o pó doce dos dedos.

— Nora, vou-me embora.

— Embora — disse ela, espantada. — Para onde?

— A mamã quer que eu vá procurar o Jovem e o Geoffrey. Acho que está só a afastar-me do papá. Depois, vou procurar uns cavaleiros para me acompanharem. Agora que sou duque, preciso de um exército. — Abraçou-a, encostando a face ao cabelo dela. — Eu volto.

— És um sortudo — exclamou ela. — Por ser duque. Eu não sou ninguém. Porque é que sou rapariga?

Ele riu-se com o braço a envolvê-la, a bochecha encostada ao cabelo dela.

— Não vais ser sempre uma menininha. Um dia hás de casar e depois serás rainha, como a mamã, ou, pelo menos, uma princesa. Ouvi-os dizer que te querem casar com alguém de Castela.

— Castela. Onde é isso? — Sentiu-se a ficar alarmada. Olhou para o rosto dele. Achava que não havia ninguém tão atraente como Richard.

— Algures na Marca Hispânica. — Pegou no derradeiro bolinho e ela apanhou-lhe a mão e prendeu-o. Os dedos dele estavam todos pegajosos.

— Não quero ir-me embora — disse ela. — Vou ter saudades tuas. Não conheço ninguém.

— Não vais para já. Castela... quer dizer castelos. Eles lá em baixo combatem os Mouros. Vais ser uma cruzada.

Ela franziu o sobrolho, baralhada.

— Em Jerusalém? — No convento sempre haviam rezado pela Cruzada. Jerusalém ficava do outro lado do mundo e ela nunca ouvira chamar-lhe Castela.

— Não, também está a haver uma Cruzada em Espanha. El Cid, sabes? E Rolando. Como eles.

— Rolando — disse ela, com um pulo de excitação. Havia uma canção sobre Rolando, repleta de passagens emocionantes. Voltou a inclinar a cabeça na direção dele.

— Vou ter uma espada?

— Talvez. — Ele voltou a beijá-la. — As mulheres por norma não usam espadas. Tenho de ir. Só queria despedir-me. Agora, és a mais velha que resta em casa, por isso, toma conta da Johanna.

— E da Alais — disse ela.

— Oh, a Alais — disse ele. Pegou-lhe na mão. — Nora, escuta, passa-se algo entre a mamã e o papá, não sei o quê, mas há alguma coisa. Sê corajosa, Nora. Corajosa e boa. — Ele retesou por momentos o braço, após o que se levantou e partiu.

— Quando é que chegamos a Poitiers? — perguntou, animada, Alais. Sentou-se na arca na traseira da carroça e espalhou as saias.

Nora encolheu os ombros. As carroças avançavam muito devagar e tornariam a viagem mais demorada. Gostaria que a deixassem cavalgar um cavalo. A aia dela trepou para a frente da carroça, virou-se e içou Johanna depois dela. O carroceiro comandou a parelha, as rédeas amontoadas nas suas mãos, virou as garupas dos cavalos para a carroça e fê-los recuar para os varais. Talvez ele a deixasse segurar as rédeas. Ela pendurou-se na beira da carroça, olhando em volta para o pátio, repleto de outras carroças, pessoas a empilhar os bens da sua mãe, com uma fileira de cavalos selados à espera.

A aia disse:

— Senhorita Nora, sente-se.

Nora manteve-se de costas para ela, para mostrar que não ouvira. A sua mãe saíra pela porta do salão e, quando a viram, todos os que estavam no pátio viraram-se para ela, como se fosse o Sol; toda a gente se aquecia naquele calor. Nora chamou «Mamã» e acenou, e a mãe retribuiu o aceno.

— Senhorita Nora! Sente-se!

Inclinou-se para um lado da carroça. Ao lado dela, Alais soltava risadinhas e deu-lhe uma cotovelada. Um laçao trazia o cavalo da rainha; ela dispensou alguém que esperava para a ajudar e montou sozinha. Nora observou como ela o fez, como manteve as saias sobre as pernas, mas sem deixar de as passar sobre a sela. A mãe dela montava como um homem. Ela iria montar assim. Depois, desde o portão, ouviu-se um grito.

— O rei!

Alais, em cima da arca, virou-se para olhar. Nora endireitou-se. O seu pai, no seu grande cavalo preto, cavalgava na direção do portão, seguido por uma fileira de cavaleiros, com cotas de malha e armados. Ela procurou Richard, mas não se encontrava com eles. A maioria dos cavaleiros tinha de permanecer no exterior da muralha por não haver espaço no pátio.

Eleanor fez a sua montada dar a volta, posicionando-se ao lado da carroça, suficientemente perto para Nora lhe poder tocar, e esta assim fez. O cavalo deu um passo para o lado, erguendo a cabeça. Com uma expressão sombria, o rei abriu caminho por entre a multidão na direção de Eleanor.

— Meu senhor, o que é isto? — perguntou ela.

Ele lançou um olhar abrangente a todo o pátio. O rosto dele estava manchado por barba e tinha os olhos raiados a vermelho. Nora sentou-se rapidamente na arca. O pai dela esporeou o cavalo para o deixar cabeça com cauda face à montada da mãe dela.

— Onde estão os meus filhos?

— Meu senhor, a sério que não faço ideia.

Ele fitou-a, furioso.

— Assim sendo, vou fazer reféns. — Torceu-se na sua sela, olhando para trás para os seus homens. — Apanhem essas raparigas!

Nora voltou a pôr-se de pé, repentinamente.

— Não — disse a rainha, intrometendo-se entre ele e a carroça, quase nariz com nariz, o seu punho cerrado. — Mantém as tuas manábulas longe das minhas filhas. — Alais estendeu o braço e, com o punho, agarrou a saia de Nora.

Ele colou o rosto ao dela.

— Tenta deter-me, Eleanor!

— Papá, espere. — Nora debruçou-se sobre a lateral da carroça. — Nós queremos ir para Poitiers.

O rei disse, maldosamente:

— Isso é o que *tu* queres.

Dois homens que tinham desmontado aproximavam-se rapidamente da carroça. Ele nunca desviou o olhar da mãe dela.

O cavalo da rainha saltou para se posicionar entre os homens e a carroça. Inclinando-se para o rei, ela falou numa voz baixa e rápida.

— Não sejas tolo, meu senhor, por uma questão tão insignificante. Se pressionares muito, nunca mais lhes pões a vista em cima. Alais tem aquele dote tão atrativo, leva-a.

— Mamã, não! — Nora esticou o seu braço. Alais envolveu-lhe a cintura com os braços.

— Por favor... por favor...

A rainha nem sequer olhou para elas.

— Está quieta, Nora. Eu trato disto.

— Mamã! — Nora tentou agarrá-la, para que ela se virasse e olhasse. — A mãe prometeu. Mamã, prometeu que ela vinha connosco! — Os dedos dela roçaram no tecido macio da manga da mãe.

Eleanor esbofeteou-a, com força, derrubando-a para dentro da carroça. Alais soluçou. Os homens do rei voltavam a aproximar-se, avançando na direção delas. Nora atirou-se a eles, de punhos erguidos.

— Afastem-se! Não se atrevam a tocar-lhe!

Alguém a agarrou por trás e afastou-a do caminho. Os dois homens treparam pela lateral da carroça e agarraram a pequena princesa francesa. Estavam a arrastá-la pelo lado. Ela gritou, uma vez, e depois amoleceu, indefesa nos braços deles. Nora torceu o braço que a agarrava pela cintura e só então percebeu que era a mãe que a agarrava.

— Mamã! — Girou na direção de Eleanor. — A mãe prometeu. Ela não quer ir.

Eleanor espetou a cabeça na direção da de Nora.

— Está quieta, rapariga. Não sabes o que estás a fazer.

Atrás dela, o rei rodava o cavalo para partir.

— Podes ficar com essa. Talvez ela te envenene. — Cavalgou na direção dos seus homens, que levavam Alais bem agarrada. Outros pegavam nas malas de Alais. Estavam a içá-la como se fosse bagagem. Nora soltou

um grito mudo. Lançando severamente uma ordem, o pai dela conduziu os seus homens de novo pelo portão, levando Alais como troféu.

Com o braço ainda a envolver a cintura de Nora, Eleanor lançava um olhar carrancudo ao rei. Nora conseguiu libertar-se e a mãe voltou-se para ela.

— Ora muito bem, Nora. Isso foi muito impróprio, não foi?

— Porque é que fez isto, mamã? — A voz de Nora ecoou forte, aguda e furiosa, indiferente a quem ouvisse.

— Vamos, rapariga — disse a mãe dela, dando-lhe um abanão. — Recompõe-te. Tu não entendes.

Com uma sacudidela violenta do corpo, Nora libertou-se da mãe.

— Disse que a Alais podia vir. — Sentia algo profundo e duro dentro dela, como se tivesse engolido uma pedra; começou a chorar. — Mamã, porque é que me mentiu?

A mãe piscou-lhe o olho, com a testa enrugada.

— Não posso fazer tudo. — Estendeu a mão, pedindo algo. — Anda, sê razoável. Queres ser como o teu pai?

Jorravam lágrimas dos olhos de Nora.

— Não, e também não quero ser como a *senhora*, mamã. Prometeu-me e mentiu. — Afastou a mão estendida com uma palmada.

Eleanor recuou; ergueu o braço e esbofeteou Nora no rosto.

— Criança cruel e ingrata!

Nora sentou-se pesadamente. Enfiou os punhos no colo e curvou os ombros. Alais partira; afinal, não lograra salvá-la. Não interessava o facto de nem sequer ter gostado muito de Alais. Queria ser uma heroína, mas não passava de uma miúda, e ninguém quisera saber. Voltou-se para a arca, cruzou os braços por cima desta, baixou a cabeça e chorou.

Mais tarde, apoiou-se na lateral da carroça, fitando a estrada à frente.

Sentiu-se estúpida. Alais tinha razão, ela não poderia ser rei e, agora, nem sequer uma heroína.

As aias dormitavam na traseira da carroça. A mãe levava Johanna para montar na sela à sua frente, para mostrar a Nora como ela tinha sido má. O condutor seguia no banco de costas para ela. Sentiu como se ninguém conseguisse vê-la, como se nem sequer ali estivesse.

Já não queria ser rei, se isso implicava ser malvada e berrar e levar pessoas à força. Queria ser como a mãe, mas a sua *antiga* mãe, a boa mãe, não esta, que mentia e não cumpria promessas, que batia e insultava. Alais dissera, «A tua mãe é malvada», e ela quase voltou a chorar, por ser verdade.

Iria contar a Richard, quando ele regressasse. Mas, sentiu um aperto no estômago, como um nó: *se* ele regressasse. Sem saber muito bem como, todo o mundo mudara. Talvez até Richard agora fosse falso.

«Vais ser uma cruzada», dissera-lhe ele.

Ela não sabia se o queria ser. Ser cruzada implicava partir para muito, muito longe e depois morrer. «Sê boa», dissera Richard. «Sê corajosa.» Mas, ela não passava de uma rapariguinha. Sob aquele amplo céu azul, era apenas um pontinho.

A carroça deu saltos ao longo da estrada, integrando a longa caravana de carga que seguia para Poitiers. Olhou a toda a sua volta, para os criados que caminhavam a par das carroças, as cabeças balouçantes dos cavalos e mulas, as pilhas de bagagem presas com cordas. A mãe não lhe prestava atenção, fora mais para a frente, para o meio da multidão de cavaleiros que abriam caminho. As aias dormiam. Ninguém a vigiava.

Já ninguém queria saber dela. Aguardou para desaparecer. Mas não o fez.

Levantou-se, agarrada à lateral para não cair. Com cautela, trepou para a frente da carroça, para o banco, mantendo as saias sobre as pernas, e sentou-se junto ao condutor, que abriu a boca de espanto ao vê-la, um rosto amplo e castanho com a barba desgrenhada.

— Ora, minha pequena donzela...

Ela arranjou as saias, cravou os pés com firmeza na tábua e olhou para cima para ele.

— Posso segurar nas rédeas? — pediu.